



## CUIDAR É TRABALHO: A PERSPECTIVA DE GÊNERO NO TRABALHO REPRODUTIVO

Fernanda Angélica Albuquerque da Silva<sup>1</sup>, Luciana Gomes<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Assistente Social. Pós-graduanda em Direitos Humanos, Gênero e Sexualidade, ENSP/Fiocruz, Rio de Janeiro - RJ. E-mail: fernandaalbu.as@gmail.com;

<sup>2</sup>Psicóloga. Doutora em Saúde Pública, ENSP/Fiocruz, Rio de Janeiro - RJ. E-mail: lucianagomes@ensp.fiocruz.br

**Resumo:** O artigo discute a transfiguração do trabalho de cuidado na sociabilidade burguesa evidenciando a responsabilização do cuidar imputada às mulheres. É originado do trabalho de conclusão de curso de especialização em direitos humanos, gênero e sexualidade, onde foi tratado sobre a feminização do cuidado e os impactos na vida social das mulheres. Apresenta-se brevemente as mudanças históricas ocorridas na dimensão da reprodução - trabalho doméstico e de cuidado não remunerado - além de problematizar como a cadeia do cuidado vem sendo executada na atualidade.

Palavras-chave: Trabalho de Cuidado Não Remunerado, Política Social, Desigualdade de Gênero, Feminização do Cuidado.

### Introdução

Este artigo originou-se da compilação da última sessão da monografia da primeira autora, que trata das desigualdades de gênero sob a forma de responsabilizar exclusivamente as mulheres nas funções do cuidar, salientando a necessidade de um Estado garantidor de proteção social. Apresenta ainda a historicidade das relações de trabalho produtivo e reprodutivo, o cuidado sob o jugo da sociedade capitalista e sua relação com a superexploração das mulheres.

Entende-se o cuidado como essencialmente necessário para todos os seres humanos, portanto, deve ser tratado como um direito social. Assim como o trabalho é elemento central para atender as necessidades humanas, o cuidado é fundamental para a reprodução da sua existência. Na infância, na velhice, na condição de deficiência ou de enfermos, demanda-se um significativo tempo de empenho no cuidar, até mesmo, integralmente. Esse trabalho reprodutivo é majoritariamente exercido pelas mulheres, sendo elas as principais referências nos cuidados de familiares. Assim, na dinâmica social que

abrange os diferentes trabalhos (produtivo e reprodutivo) é apresentada as contradições inerentes a organização da sociedade capitalista. Como diz Federici<sup>1</sup> “não é de inovação tecnológica que se precisa para enfrentar a questão do cuidado dos idosos. É necessária uma transformação da divisão social e sexual do trabalho e, acima de tudo, o reconhecimento do trabalho reprodutivo como trabalho”.

Dessa maneira, o trabalho de cuidado nesse ensaio refere-se às atividades exercidas no âmbito privado da vida dos sujeitos, portanto, o trabalho de cuidado não remunerado, e também, aos afazeres domésticos.

### Material e Método

Utilizou-se a análise ontológica do cuidado para compor a metodologia, bem como do olhar adotado pela abordagem do feminismo marxista. Com base nesta perspectiva crítica, busca-se problematizar a concepção do cuidado no âmbito das políticas sociais.



## Resultados e Discussão

### Trabalho Produtivo e Reprodutivo

Parte-se da compreensão do trabalho como eixo fundamental para a produção e reprodução da sociabilidade humana. É através dele que se transforma a natureza e o próprio ser humano, atendendo as necessidades de sua existência. Portanto, o humano é o único ser que detém capacidade teleológica capaz de idealizar e projetar uma determinada ideia a fim de intervir na realidade para transformá-la. Diante disso, “se rompe com o padrão imediato das atividades puramente naturais, estruturando uma atividade prático-social”<sup>2</sup>.

Com base nos estudos da introdução à crítica da economia política, ao analisar o modo de produção capitalista partindo da mercadoria sob dois fatores: valor de uso e de troca. A mercadoria, para além de um objeto externo, é criada para satisfazer as necessidades humanas, conseqüentemente, faz dela um valor de uso. Entretanto, “uma coisa pode ser valor de uso sem ser valor [...] Quem por meio de seu produto, satisfaz sua própria necessidade, cria certamente valor de uso, mas não mercadoria [...]”. Para uma determinada coisa se tornar mercadoria, é preciso que o produto do seu trabalho seja transferido para o outro por meio da troca, e assim, servi-lo como valor de uso<sup>3</sup>.

Uma coisa pode ser valor de uso sem ser valor [...] Quem, por meio de seu produto, satisfaz sua própria necessidade, cria certamente valor de uso, mas não mercadoria. Para produzir mercadoria, ele tem de produzir não apenas valor de uso, mas valor de uso para outrem, valor de uso social. O camponês medieval produzia a talha para o senhor feudal, o dízimo

para o padre, mas nem por isso a talha ou o dízimo se tornavam mercadorias. Para se tornar mercadoria, é preciso que o produto, por meio da troca, seja transferido a outrem, a quem vai servir como valor de uso. Por último, nenhuma coisa pode ser valor sem ser objeto de uso. Se ela é inútil, também o é o trabalho nela contido, não conta como trabalho e não cria, por isso, nenhum valor<sup>3</sup>.

Dessa forma, o trabalho de cuidado, analisado de acordo com os pressupostos da teoria social crítica de Marx, tem valor de uso, mas não é uma mercadoria. No entanto, esse tipo de trabalho é fundamental para a continuidade das relações de produção (bens e serviços) e reprodução (cuidado da vida cotidiana) da sociedade. As atividades realizadas no âmbito privado são essenciais para a manutenção da vida, atendendo demandas especificamente humanas que garantem o bem-estar, além de prestar todo apoio para a classe trabalhadora que vende sua mão de obra para o mercado. Para que o trabalhador esteja em condições de prestar seus serviços laborais, alguém precisa realizar o trabalho “secundário”, cuidar dos filhos, dos idosos, de pessoas dependentes, preparar o alimento, lavar as roupas, arrumar a casa, etc.

A dinâmica do cuidado é, portanto, atividade crucial para a subsistência humana e base de sustentação da reprodução social. Esse papel ao longo da história esteve a cargo exclusivo das mulheres nas diferentes formas de sociedade, não obstante, é a partir do século XVIII, com a virada radical da nova organização social que instituiu o sistema capitalista de produção fundado pela propriedade privada e expropriação dos meios de produção, que o trabalho reprodutivo foi



desvalorizado e marginalizado. O processo de assalariamento estruturou a divisão social e sexual do trabalho, colocando o trabalho reprodutivo no lugar de subalternidade, insegurança e de exclusão social descaracterizando-o como um tipo de trabalho. Para as autoras Ávila e Ferreira, esse acontecimento está associado a uma outra configuração na qual:

Se expressa em termos de relações que associam homens / produção / esfera pública e mulheres / reprodução / espaço privado, conferindo a essas associações, dentro do mesmo princípio hierárquico, uma qualificação da primeira como sendo da ordem da cultura e da segunda como sendo da ordem da natureza<sup>4</sup>.

A hierarquia sexual como a forma de “manipulação mais disseminada e da violência mais sutil que o capitalismo já perpetuou contra qualquer setor da classe trabalhadora”. O trabalho doméstico e de cuidado além de ser transformado como atributo natural das mulheres foi subsumido à descaracterização enquanto relação de trabalho. Essa estratégia foi utilizada para que a imensa carga de trabalho não remunerada fosse justificada. Se fosse considerada como atividade natural da vida e o “dom divino da mulher” não seria necessário discutir as contradições desse tipo de organização social, nem mesmo intervir nas múltiplas formas de desproteção social<sup>5</sup>.

“Essa forma de divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o da separação (existem trabalhos de homens e de mulheres) e o da hierarquização (um trabalho de homem “vale” mais do que um de mulher)”. Contudo, compreendemos o trabalho como base da própria vida social, sendo,

portanto, indissociáveis haja vista que possuem caráter político, seja em atividades de produção de bens ou serviços, seja em atividades de reprodução e manutenção da vida. Em outras palavras, o golpe que subordinou o trabalho reprodutivo ao produtivo nas sociedades capitalistas com influência nos princípios do patriarcado, transformou a grande massa do trabalho doméstico em trabalho não pago visando o lucro por meio da exploração de mulheres. Entretanto, essa forma de descaracterizar o trabalho reprodutivo como um tipo de trabalho não possui sustentação. O dispêndio de tempo, dedicação e responsabilidades a que as mulheres são cobradas cotidianamente bem como o lucro que tais atividades geram ao capital sustentam o modo de produzir e reproduzir riquezas na sociedade de mercado<sup>6</sup>.

Nesse processo, é importante frisar a dicotomia de papéis entre os sexos na história. As diferenças de gênero no decorrer das distintas organizações sociais e sua transição para a sociedade capitalista, foram reforçando as relações de poder que contribuem no acirramento sobre a desigualdade de gênero e consequentemente, refletindo na qualidade de vida e saúde das mulheres.

### **O Trabalho de Cuidado e as Mulheres**

Historicamente o acesso à seguridade social, sobretudo, a previdência foi condicionada ao trabalho na sua relação formal, fundamentalmente regido por contratos legais que garantiam a qualidade de trabalhador segurado. Com a divisão do que é considerado trabalho produtivo e reprodutivo instituiu-se uma expressão perversa da desigualdade social sob o aspecto do gênero que renega a grande

parcela de mulheres executoras das atividades de reprodução o acesso aos direitos sociais bem como seu reconhecimento enquanto trabalhadoras. Nesse sentido, defender um sistema integrado de cuidados que institua serviços de saúde, assistência e transferência de renda é ter o compromisso com a promoção da justiça social por uma vida digna às que cuidam e aos que necessitam de cuidados nas diferentes fases da vida humana.

Outro aspecto importante é a discussão da centralidade da família como instituição prioritária na execução das responsabilidades do cuidar. Essa forma de tratar o cuidado produz uma crise na sociedade de maneira geral. Considerando que o trabalho de cuidar está liminarmente ligado às mulheres e como a reprodução social é desprezada e desvalorizada no modo de produção capitalista, a elas são depositadas toda a carga de trabalho não pago sem o suporte efetivo do Estado intervindo nas situações de vulnerabilidade.

O relatório da Oxfam Brasil, Tempo de cuidar: o trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade<sup>7</sup>, retrata a condição das mulheres que são majoritariamente as responsáveis pelos cuidados e seus impactos sociais. No que se refere a estruturação da cadeia do cuidado à nível global, estima-se que “mulheres e meninas de todo o mundo dedicam 2,5 bilhões de horas todos os dias a este tipo de trabalho, gerando uma contribuição de pelo menos 10,8 trilhões de dólares por ano global”. Se fosse implementado um novo modelo de tributação progressiva e taxassem 0,5% sobre a riqueza do 1% mais rico nos próximos 10 anos, seria

possível criar 117 milhões de empregos em saúde, educação e assistência, entre outros relativos ao cuidado.

Figura 1: É hora de cuidar de quem cuida.



### Considerações Finais

Desde a instauração das relações patriarcais capitalistas, sobretudo, com a separação do trabalho produtivo e reprodutivo, surgem demandas relativas a diferença dos papéis entre homens e mulheres referente ao trabalho e as responsabilidades familiares. Não dar visibilidade ao trabalho reprodutivo é negligenciar funções que sustentam o próprio metabolismo social além de reforçar a relação de opressão/exploração das mulheres.

Considerando o cenário atual e o seu nível de desenvolvimento societário, tratar a dimensão do cuidado desvinculada da categoria trabalho produz imbricações nas relações sociais e de sexo que resultam no frequente conflito entre o trabalho assalariado e as responsabilidades do cuidar. Nesse sentido, reforça a necessidade de compreender as contradições relativas ao estatuto de gênero, raça e classe que estruturaram e estruturam a sociedade até os dias atuais e pela sua natureza, retratam a imprescindibilidade de enfrentar tais desigualdades por meio da intervenção do Estado visando a sobrevivência digna da humanidade.



## Referências

1. Federici S. Sobre o trabalho de cuidado de idosos e o limite do marxismo. Nueva Sociedad, Buenos Aires. 2015.
2. Barroco MLS. Fundamentos éticos do serviço social. In: CFESS/ABEPSS. Serviço Social: Direitos Sociais e Competências Profissionais- Brasília: CFESS, ABEPSS. 2009.
3. Marx K. O capital: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital; tradução Rubens Enderle, São Paulo: Boitempo Editorial. 2013; 100-101.
4. Ávila MB, Ferreira V. (Org.). Trabalho remunerado e trabalho doméstico no cotidiano das mulheres. Recife: SOS Corpo. 2014.
5. Federici S. O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista; tradução: Coletivo Sycorax, São Paulo: Editora Elefante. 2019.
6. Kergoat D, Hirata H, et al. Dicionário Crítico do Feminismo. In: Divisão Sexual do Trabalho e Relações Sociais de Sexo. Editora UNESP. 2009.
7. Oxfam Brasil. Tempo de cuidar: o trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade. Documento informativo da Oxfam, janeiro de 2020.